RESUMO EXPANDIDO - IV. PESQUISA CIENTÍFICA RELACIONADA À AVALIAÇÃO DAS PRÁTICAS E GESTÃO DO CUIDADO EM ENFERMAGEM

TEMPO DE ALEITAMENTO MATERNO E SAÚDE DA CRIANÇA: EXPERIÊNCIA DE MÃES ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO

Angélica Borges Batista (angelica.2142815@discente.uemg.br)

Bianca Cristina Silva (biancs1803@gmail.com)

Ana Flávia De Lourdes Silva (ana.2093518@discente.uemg.br)

Maria Ambrosina Cardoso Maia (maria.cardoso@uemg.br)

Walisete De Almeida Godinho Rosa (walisete.rosa@uemg.br)

Raquel Dully Andrade (raquel.andrade@uemg.br)

Tempo de aleitamento materno e saúde da criança: experiência de mães estudantes de graduação

Introdução: O aleitamento materno exclusivo é de extrema importância nos seis primeiros meses de vida, por ser a principal fonte de alimento que a criança pode receber no início da vida devido aos seus benefícios e substâncias nutricionais presentes no leite materno. No entanto, no Brasil de maneira geral é

possível evidenciar que a prevalência do aleitamento materno exclusivo para menores de seis meses é de 56%, o que apesar de ser um número considerado dentro dos padrões de recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), ascende um alerta importante para algumas regiões do país onde essa prevalência não é tão notória (Campanharo et al., 2024). Atualmente é preconizado pela OMS e pelo Ministério da Saúde o aleitamento materno no período do nascimento da criança até dois anos de vida ou mais, porém os dados ainda mostram taxas de aleitamento materno no país ainda consideradas baixas e com desigualdades regionais, sendo que a região Norte vem à frente com 63%, seguida das regiões Centro-Oeste com 60%, Sudeste com 56%, sul com 55% e Nordeste com 51% de prevalência. Assim, permanece como um desafio de saúde pública a missão de promover o aleitamento materno em todo o país, tornando-se relevante compreender as dificuldades que envolvem essa prática entre diferentes grupos de mães (Campanharo et al., 2024). Nesse contexto, a prevalência do aleitamento materno entre mães universitárias ainda é um grande desafio, visto que a falta de apoio, orientação e estrutura adequada no ambiente universitário e até mesmo fora dele, interferem diretamente na vida da mãe, da família e do bebê (Santos,2022).

Objetivos: Levantar o tempo de aleitamento materno e aspectos relacionados à saúde da criança a partir de relatos de estudantes universitárias com filhos menores de 2 anos durante o período de graduação em uma universidade pública no interior de Minas Gerais.

Métodos: O estudo foi realizado no Município de Passos no sul de Minas Gerais. A instituição onde foi realizado o presente estudo é a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), que conta atualmente com 28 cursos de graduação. Nesse contexto, a unidade de Passos possui atualmente 3.754 alunos matriculados (dados do primeiro semestre de 2026), sendo 1.510 do sexo masculino e 2.244 do sexo feminino. A pesquisa foi realizada em todos os cursos de graduação da UEMG – unidade acadêmica de Passos. Foram convidadas a participar da pesquisa todas as alunas dos cursos de graduação

ofertados pela UEMG-Passos, em sala de aula, contemplando todos os períodos do curso, nos dois turnos em que os cursos são oferecidos. Participaram do estudo um total de 47 alunas. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário, elaborado pela própria pesquisadora, que foi aplicado nas salas de aula. Para a análise dos dados foi realizada abordagem quantitativa com estatística descritiva simples. Os dados foram coletados após a aprovação pelo Comite de Ética em Pesquisa (CEP), com número CAEE:9743726.3.0000.5112 e parecer: 8.381.016. Foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) às participantes do estudo, e aquelas que aceitaram participar receberam uma via do documento assinada pelos pesquisadores.

Resultados: Do total de 47 alunas que participaram da pesquisa, uma parcela de 19 alunas o que corresponde a (40,42%) tem entre 25 a 29 anos, tendo se então uma concentração maior nessas faixas etárias. Em relação ao estado civil, 17 (36,17%) das discentes são solteiras. Dentre todos os cursos da universidade se teve maior prevalência no curso de Enfermagem com onze respostas (23,40%) das alunas. Dos períodos dos cursos, doze alunas (25,53%) são de sétimos períodos de algum dos cursos ofertados pela universidade, sendo então em grande maioria do período noturno 36 respostas (77%) e do período matutino onze respostas (23,40%). Das 47 estudantes (100%), uma parcela de 35 (74,46%) tem em média apenas um filho. 47 (100%) dos filhos das alunas estão na faixa etária dos 2 anos de idade ou em algum momento já esteve nessa fase. Segundo as respostas obtidas no questionário em relação a idade gestacional que o filho nasceu 37 (79%) dos filhos nasceram com idade gestacional entre 37 a 39 semanas e seis dias, ou seja, esses bebês nasceram a termo, dentro do esperado e em sua maioria acima de 3,000 conforme 26 participantes (55,31%) marcaram. De 47 (100%) mães, 46 (98%) pontuaram que os filhos se encontram dentro do peso adequado e uma (2,12%) o filho não se encontra dentro do peso adequado, pois está com o peso abaixo do esperado. Atualmente 29 (62%) sendo a grande maioria não amamentam mais e apenas 18 (38,29%) das mães ainda amamentam, porém, todas as mães já amamentaram em algum momento da vida da criança. Dessas 47 (100%)

apenas quatro (9%) amamentou até os dois anos de idade da criança. Sobre a idade atual das crianças dessas mães onze (23,40%) estão na faixa etária entre 1 ano e 1 ano e 10 meses de idade atualmente. Das alternativas propostas para responder, no que se refere ao motivo do desmame 17 (36,17) se mostraram indiferentes a qualquer motivo para o desmame. Dos desafios encontrados durante o processo de amamentação 20(42,55%) lidaram com mamilos doloridos ou rachados. Sobre desenvolvimento da criança 39(83%) a grande maioria se desenvolveu dentro do esperado pela idade em todos os aspectos. No que diz respeito a infecções, boa parte dessas crianças 27 (57,44%) tiveram infecções respiratórias. As infecções nessas crianças têm uma frequência rara de pelo menos 1 a 2 vezes ao ano com infeções leve ou nunca tiveram infeções segundo 17 (36,17%) das mães. Em relação a alergias 33 (70,21%) nunca tiveram alergias. Quando se fala em diagnóstico relacionado a alguma doença crônica apenas 36 (77%) não possui nenhum tipo de doença crônica diagnosticada. Referente ao acompanhamento de puericultura 37(79%) dos filhos fazem acompanhamento, assim como 27 (57,45%) fazem acompanhamento com especialista em sua maioria consulta de rotina com pediatra, como a abordaram as 17 (36,17%) mães dessas crianças. Da necessidade de atendimento na Unidade de Pronto Atendimento a maioria 37 (79%) necessitou de atendimento em algum momento, dos que necessitaram 15 (32%) com frequência de 3 a 6 vezes ao ano. Após os dois anos não se teve muita necessidade, pois boa parte dos filhos dessas mães 26 (55,31%), não tem dois anos de idade. Muitas das participantes responderam que os filhos nunca precisaram de internação, mas dez (21,27%) delas disseram que pelo menos uma ou duas vezes os filhos precisaram de internação. Após os 2 anos duas (4,25%) teve internações com baixa frequência, 38(81%) nunca internou por nenhum motivo sequer. No tempo de hospitalização 36 (77%) nunca foi hospitalizado e seis (13%) ficou de 4 a 7 dias hospitalizado. Em sua grande maioria as estudantes acham o aleitamento materno muito importante 44 (94%) devido ao fato de o leite materno auxiliar na imunidade da criança evitando doenças, segundo 15 (32%) do relato das mães. De acordo com as respostas obtidas sobre continuar com o aleitamento materno quando iniciou a introdução alimentar 18 (38,29%) continuou após a IA, uma (2,12%) das que responderam que não continuou, foi pelo fato de a mãe não querer mais ou filho rejeitou o

peito, duas (4,25%) disseram que o leite secou ou pela produção de leite insuficiente. Na opinião das discentes 41 (87,23%) acredita que o aleitamento materno trouxe benefícios para a própria saúde, 34 (72,34%) marcaram que promoveu bem estar geral e emocional. Por fim, foi perguntado para as participantes se sentiram falta de alguma estrutura ou apoio da universidade que poderia ter contribuído para o processo da amamentação, 17 (36,17%) sente falta de uma sala privativa com capacidade de armazenamento de leite e trocadores para melhor o conforto da mãe e do filho.

Conclusão: Os resultados mostram que apesar de grande parte das mães mostraram ter um breve conhecimento ou até mesmo acharem o aleitamento importante, ainda sim há uma necessidade de educação em saúde para que o tempo de aleitamento materno entre mães universitárias possa ser mais duradouro, além da elaboração de um plano de trabalho em conjunto com a universidade para apoiar as mães enquanto elas precisarem levar o filho para o ambiente universitário. Vale ressaltar que, se deve ter um olhar voltado em especial para a estrutura da universidade, adaptando-a para que durante o processo de amamentação dessas mães universitárias seja mais produtivo e satisfatório.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial ao Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq/UEMG).

Referências:

CAMPANHARO, Luisa et al. Disparidades no Aleitamento Materno no Brasil: Um Estudo Ecológico sobre o Aleitamento Exclusivo e seus Determinantes. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences. v. p.1984-1993,2024.Disponivel em: https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/3472.Acesso em:25 jul 2025.

SANTOS, Sthefani T. Perfil do tempo de aleitamento materno, introdução de fórmula infantil e alimentação complementar entre alunas dos cursos da área da saúde de uma universidade particular de Goiânia. PUC de Goiás. Goiânia. 2022. Disponivel em: https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/4889. Acesso em: 25 set 2025.

Duración de la lactancia materna y salud infantil: experiencia de madres estudiantes de grado

Introducción: La lactancia materna exclusiva es de suma importancia durante los primeros seis meses de vida, ya que constituye la principal fuente de alimento que el niño puede recibir al inicio de su vida, debido a los beneficios y

nutrientes presentes en la leche materna. Sin embargo, en Brasil, por lo general, se observa que la prevalencia de lactancia materna exclusiva en menores de seis meses es del 56%; aunque esta cifra se considera dentro de los parámetros recomendados por la Organización Mundial de la Salud (OMS), enciende una señal de alerta importante para algunas regiones del país donde dicha prevalencia no es tan significativa (Campanharo et al., 2024). Actualmente, la OMS y el Ministerio de Salud recomiendan mantener la lactancia materna desde el nacimiento hasta los dos años de vida o más; no obstante, los datos muestran tasas de lactancia materna en el país que aún se consideran bajas y presentan desigualdades regionales: la región Norte lidera con un 63%, seguida por las regiones Centro-Oeste (60%), Sudeste (56%), Sur (55%) y Nordeste (51%). Por consiguiente, promover la lactancia materna en todo el país sigue siendo un desafío de salud pública, por lo que resulta relevante comprender las dificultades que conlleva esta práctica entre distintos grupos de madres (Campanharo et al., 2024). En este contexto, la prevalencia de la lactancia materna entre madres universitarias representa un gran desafío, dado que la falta de apoyo, orientación y una infraestructura adecuada tanto dentro como fuera del entorno universitario repercute directamente en la vida de la madre, la familia y el bebé (Santos, 2022).

Objetivos: Determinar la duración de la lactancia materna y los aspectos relacionados con la salud infantil a partir de los testimonios de estudiantes universitarias con hijos menores de dos años, durante su etapa de formación de grado en una universidad pública del interior del estado de Minas

Métodos: El estudio se llevó a cabo en el municipio de Passos, en el sur de Minas Gerais. La institución donde se realizó el presente estudio es la Universidad del Estado de Minas Gerais (UEMG), que cuenta actualmente con 28 programas de grado. En este contexto, la unidad de Passos tiene actualmente 3.754 alumnos matriculados (datos del primer semestre de 2026), de los cuales 1.510 son hombres y 2.244 son mujeres. La investigación se realizó en todos los programas de grado de la UEMG, unidad académica de

Passos. Se invitó a participar en la investigación a todas las alumnas de los programas de grado ofrecidos por la UEMG-Passos, directamente en el aula, abarcando todos los semestres y los dos turnos en los que se imparten las clases. Participaron en el estudio un total de 47 alumnas. El instrumento de recolección de datos utilizado fue un cuestionario, elaborado por la propia investigadora, que se aplicó en las aulas. Para el análisis de los datos se empleó un enfoque cuantitativo con estadística descriptiva simple. Los datos se recopilaron tras la aprobación del Comité de Ética en Investigación (CEP), con número CAEE: 9743726.3.0000.5112 y dictamen:8.381.016. Se presentó un Consentimiento Informado a las participantes del estudio y aquellas que aceptaron participar recibieron una copia del documento firmada por los investigadores.

Resultados: De las 47 estudiantes mujeres que participaron en la encuesta, 19 (40,42%) tienen entre 25 y 29 años, con una mayor concentración en estos grupos de edad. En cuanto al estado civil, 17 (36,17%) de las estudiantes son solteras. Entre todas las carreras universitarias, Enfermería fue la más frecuente, con once respuestas (23,40%) de las estudiantes. De los periodos de las carreras, doce estudiantes (25,53%) están en su séptimo semestre de una de las carreras de la universidad, siendo la mayoría del periodo vespertino (36 respuestas, 77%) y del periodo matutino (once respuestas, 23,40%). De las 47 estudiantes (100%), 35 (74,46%) tienen en promedio solo un hijo. 47(100%) de los hijos de las estudiantes tienen 2 años o han tenido esa edad en algún momento. Según las respuestas obtenidas en el cuestionario sobre la edad gestacional al nacer el niño, 37 (79%) de los niños nacieron con una edad gestacional entre 37 y 39 semanas y seis días, lo que significa que estos bebés nacieron a término, dentro del rango esperado, y en su mayoría pesando más de 3000 gramos, como lo indicaron 26 participantes (55,31%). De las 47(100%) madres, 46(98%) indicaron que sus hijos están dentro del rango de peso adecuado, y una (2,12%) indicó que su hijo no está dentro del rango de peso adecuado, ya que tiene bajo peso. Actualmente, 29(62%), la gran mayoría, ya no amamantan, y solo 18 (38,29%) de las madres todavía amamantan; sin embargo, todas las madres amamantaron en algún momento de la vida de su

hijo. De estas 47(100%), solo cuatro (9%) amamantaron hasta que el niño tuvo dos años. En cuanto a la edad actual de los hijos de estas madres, once (23,40%) tienen actualmente entre 1 año y 1 año y 10 meses de edad. De las alternativas propuestas para responder, en cuanto al motivo del destete, 17 (36,17%) mostraron indiferencia ante cualquier motivo del destete. De los desafíos encontrados durante el proceso de En cuanto a la lactancia, 20 madres (42,55%) lidiaron con pezones doloridos o agrietados. Respecto al desarrollo infantil, la gran mayoría 39(83%) se desarrolló dentro de lo esperado para su edad en todos los aspectos. En lo que concierne a las infecciones, una buena parte de estos niños 27(57,44%) presentó infecciones respiratorias; la frecuencia de estas infecciones fue baja (de 1 a 2 veces al año, con cuadros leves) o nula, según 17 madres (36,17%). En relación con las alergias, 33 niños (70,21%) nunca las han padecido. Sobre el diagnóstico de enfermedades crónicas, 36 niños (77%) no presentan ninguna enfermedad crónica diagnosticada. En cuanto al seguimiento de puericultura, 37 hijos (79%) reciben atención de este tipo, y 27 (57,45%) son atendidos por especialistas —principalmente en consultas de rutina con el pediatra, tal como señalaron 17 madres (36,17%)—. Respecto a la necesidad de atención en unidades de urgencia, la mayoría 37(79%) requirió asistencia en algún momento; de ellos, 15(32%) acudieron con una frecuencia de 3 a 6 veces al año. No hubo mucha necesidad de atención después de los dos años, dado que una gran parte de los hijos de estas madres 26(55,31%) aún no alcanza esa edad. Muchas participantes indicaron que sus hijos nunca necesitaron hospitalización, aunque diez (21,27%) señalaron que sus hijos requirieron internación en al menos una o dos ocasiones. Tras los dos años, dos (4,25%) tuvieron hospitalizaciones con baja frecuencia, mientras que 38 (81%) nunca fueron hospitalizadas por ningún motivo. En cuanto al tiempo de hospitalización, 36 (77%) nunca fueron hospitalizadas y seis (13%) permanecieron hospitalizadas entre 4 y 7 días. La gran mayoría de las estudiantes 44(94%) considera muy importante la lactancia materna, ya que la leche materna ayuda a la inmunidad del niño y previene enfermedades, según lo relatado por 15(32%) de las madres. Respecto a las respuestas sobre la continuidad de la lactancia materna al iniciar la introducción de alimentos, 18 (38,29%) continuaron después de dicha introducción; entre las que no continuaron, una (2,12%) señaló que fue porque la madre no quiso

seguir o el hijo rechazó el pecho, y dos (4,25%) indicaron que la leche se retiró o que la producción era insuficiente. En opinión de las estudiantes, 41(87,23%) creen que la lactancia materna aportó beneficios a su propia salud, y 34(72,34%) señalaron que promovió el bienestar general y emocional. Por último, se preguntó a las participantes si habían echado en falta alguna infraestructura o apoyo por parte de la universidad que pudiera haber contribuido al proceso de lactancia: 17(36,17%) expresaron la necesidad de una sala privada equipada con capacidad para almacenar leche y cambiadores, para mejorar la comodidad de la madre y el hijo.

Conclusión: Los resultados muestran que, a pesar de que gran parte de las madres demostró tener cierto conocimiento sobre el tema o incluso considerar importante la lactancia, sigue existiendo la necesidad de educación en salud para prolongar el periodo de lactancia materna entre las madres universitarias. Asimismo, se requiere elaborar un plan de trabajo conjunto con la universidad para apoyar a las madres cuando necesiten llevar a sus hijos al entorno universitario. Cabe destacar la importancia de prestar especial atención a la infraestructura de la universidad, adaptándola para que el proceso de lactancia de estas madres universitarias sea más productivo y satisfactorio.

AGRADECIMIENTOS

Agradecimiento especial al Programa Institucional de Apoyo a la Investigación (PAPq/UEMG).

Referencias:

CAMPANHARO, Luisa et al. Disparidades no Aleitamento Materno no Brasil: Um Estudo Ecológico sobre o Aleitamento Exclusivo e seus Determinantes.

Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences. v. p.1984-1993, 2024. Disponible en: https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/3472. Acceso: 25 jul. 2025.

SANTOS, Sthefani T. Perfil do tempo de aleitamento materno, introdução de fórmula infantil e alimentação complementar entre alunas dos cursos da área da saúde de uma universidade particular de Goiânia. PUC de Goiás. Goiânia. 2022. Disponible en: https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/4889. Acceso: 25 sep. 2025.

Duration of breastfeeding and child health: experiences of undergraduate student mothers.

Introduction: Exclusive breastfeeding is extremely important in the first six months of life, as it is the main source of food a child can receive early in life due to its benefits and nutritional substances present in breast milk. However, in Brazil, in general, it is evident that the prevalence of exclusive breastfeeding for infants under six months is 56%, which, although considered within the recommendations of the World Health Organization (WHO), raises an important alert for some regions of the country where this prevalence is not so noticeable (Campanharo et al., 2024). Currently, the WHO and the Ministry of Health recommend breastfeeding from birth until two years of age or more, but the data still show breastfeeding rates in the country that are considered low and with regional inequalities, with the North region leading with 63%, followed by the Central-West region with 60%, Southeast with 56%, South with 55%, and Northeast with 51% prevalence. Thus, promoting breastfeeding throughout the country remains a public health challenge, making it relevant to understand the

difficulties involved in this practice among different groups of mothers (Campanharo et al., 2024). In this context, the prevalence of breastfeeding among university mothers is still a major challenge, since the lack of support, guidance, and adequate structure in the university environment and even outside of it directly interferes with the lives of the mother, the family, and the baby (Santos, 2022).

Objectives: To determine the duration of breastfeeding and aspects related to the child's health based on reports from university students with children under 2 years old during their undergraduate studies at a public university in the interior of Minas Gerais.

Methods: The study was carried out in the municipality of Passos, in the south of Minas Gerais. The institution where this study was carried out is the State University of Minas Gerais (UEMG), which currently has 28 graduate programs. In this context, the Passos unit currently has 3754 students enrolled (date from the first semester of 2026), of which 1510 are men and 2244 are women. The investigation was carried out in all undergraduate programs at the UEMG-Passos academic unit. All students enrolled in pre-graduate programs offered by UEMG-Passos are invited to participate in the investigation, in class, covering all periods of the course, in both shifts in which the courses are taught. A total of 47 students participated in the studio. The data collection instrument used was a questionnaire, developed by the researcher herself, which was applied in classes. For data analysis, a quantitative approach with simple descriptive statistics was used. The data was compiled following the approval of the Research Ethics Committee (CEP), with CAEE number: 9743726.3.0000.5112 and dictation: 8.381.016. An Informed Consent Form (TCLE) was presented to study participants, and those who agreed to participate received a copy of the document signed by the researchers.

Results: Of the total of 47 students who participated in the survey, 19 students (40.42%) were between 25 and 29 years old, indicating a higher concentration in this age group. Regarding marital status, 17 (36.17%) of the students were single. Among all university programs, the highest prevalence was in the Nursing course, with eleven responses (23.40%) from students. Concerning the academic periods, twelve students (25.53%) were in the seventh semester of one of the programs offered by the university, with the majority attending evening classes, accounting for 36 responses (77%), while eleven students (23.40%) attended morning classes.Of the 47 students (100%), 35 (74.46%) had, on average, only one child. All 47 children (100%) were currently two years old or had already reached that age at some point. According to the questionnaire responses regarding gestational age at birth, 37 children (79%) were born between 37 weeks and 39 weeks and 6 days of gestation, meaning they were born at term, as expected, and most weighed over 3,000 grams, according to 26 participants (55.31%). Among the 47 mothers (100%), 46 (98%) reported that their children were within the appropriate weight range, while one (2.12%) reported that her child was underweight. Currently, 29 mothers (62%) the majority were no longer breastfeeding, while only 18 (38.29%) were still breastfeeding; however, all mothers had breastfed at some point in their child's life. Of these 47 mothers (100%), only four (9%) breastfed until the child reached two years of age.Regarding the current age of the children, eleven (23.40%) were between 1 year and 1 year and 10 months old. Among the proposed response options concerning reasons for weaning, 17 (36.17%) were indifferent to any specific reason for weaning. Concerning challenges encountered during breastfeeding, 20 (42.55%) reported dealing with sore or cracked nipples.Regarding child development, 39 children (83%) developed as expected for their age in all aspects. Concerning infections, a considerable proportion of the children, 27 (57.44%), experienced respiratory infections. According to 17 mothers (36.17%), these infections occurred rarely—about one to two times per year—or were mild, or the child had never experienced infections.Regarding allergies, 33 children (70.21%) had never had allergies. When considering diagnoses related to chronic diseases, 36 children (77%) had no diagnosed chronic condition. Concerning well-child care follow-up, 37 children (79%) attended regular follow-up appointments, and 27 (57.45%) also received

specialist care, mostly routine consultations with pediatricians, as reported by 17 mothers (36.17%).Regarding the need for care at an Emergency Care Unit (UPA), the majority, 37 children (79%), required care at some point. Among those who needed care, 15 (32%) did so with a frequency of three to six times per year. After the age of two, there was less need for such services, as many of the children, 26 (55.31%), had not yet reached two years of age.Many participants reported that their children had never been hospitalized; however, ten mothers (21.27%) stated that their children had been hospitalized at least once or twice. After the age of two, two children (4.25%) experienced hospitalizations with low frequency, while 38 (81%) had never been hospitalized for any reason. Regarding length of hospitalization, 36 children (77%) had never been hospitalized, and six (13%) remained hospitalized for four to seven days.The vast majority of students considered breastfeeding very important, with 44 (94%) expressing this view, mainly because breast milk helps strengthen a child's immunity and prevent diseases, according to 15 mothers (32%). Based on responses regarding the continuation of breastfeeding after the introduction of complementary foods, 18 mothers (38.29%) continued breastfeeding after complementary feeding began. Among those who did not continue, one mother (2.12%) reported that either she no longer wished to breastfeed or the child rejected the breast, while two mothers (4.25%) stated that their milk supply dried up or was insufficient.In the students' opinion, 41 (87.23%) believed that breastfeeding brought benefits to their own health, and 34 (72.34%) indicated that it promoted overall and emotional well-being. Finally, participants were asked whether they felt that the university lacked any structure or support that could have contributed to the breastfeeding process. Seventeen (36.17%) reported the need for a private room with milk storage facilities, a breastfeeding chair, a changing table, and toys to improve comfort for both mother and child.

Conclusion: The results show that although most mothers demonstrated some knowledge or even considered breastfeeding important, there is still a need for health education to extend the duration of breastfeeding among university mothers. Furthermore, a collaborative work plan with the university should be developed to support mothers while they need to bring their children to the

university environment. It is worth emphasizing that special attention should be paid to the university's infrastructure, adapting it to make the breastfeeding process more productive and satisfactory.

Thanks:

Special thanks to the Institutional Research Support Program (PAPq/UEMG).

References:

CAMPANHARO, Luisa et al. Disparidades no Aleitamento Materno no Brasil: Um Estudo Ecológico sobre o Aleitamento Exclusivo e seus Determinantes. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences. v. p.1984-1993,2024.Disponivel em: https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/3472.Acesso em:25 jul 2025.

SANTOS, Sthefani T. Perfil do tempo de aleitamento materno, introdução de fórmula infantil e alimentação complementar entre alunas dos cursos da área da saúde de uma universidade particular de Goiânia. PUC de Goiás. Goiânia. 2022. Disponivel em: https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/4889. Acesso em: 25 set 2025.

Palavras-chave: aleitamento materno; saúde da criança; estudantes universitárias.